N., 15/1/1990

Escritores e académicos endereçam carta aberta ao Presidente de Klerk

Mais de setenta escritores, jornalistas, académicos e artistas moçambicanos apelaram ao movimento anti-«apartheid» da África do Sul para exigir ao governo sul-africano o fim de todos os aparelhos que, do território sul-africano, ainda alimentam a agressão contra Moçambique.

Os signatários endereçaram uma «carta aberta ao Presidente Frederick de Klerk» e um «apelo ao movimento anti-«apartheid» da África do Sul».

«Para haver paz no nosso País», diz a carta a de Klerk, «é primeira condição que sejam abolidos todos os mecanismos concebidos à luz da «estratégia total» para desestabilizar militarmente a região. É forçoso que para anular essa ingrata herança, sejam neutralizadas todas as forças que, na África do Sul, ainda usam a violência das armas para conseguirem mudanças políticas em Moçambique».

«Não lhe teríamos dirigido esta carta aberta», prossegue o documento, «se não tivéssemos a convicção de que pode utilizar os poderes que lhe confere a chefia do Estado sul-africano para enfrentar sem mais delongas as forças que na África do Sul estão envolvidas na destruição do nosso futuro comum».

No apelo ao movimento anti-«apartheid», os signatários alertam para o facto de que «as forças que comandam a mortalidade em Moçambique são as mesmas que hoje lançam na África do Sul os mecanismos da instabilidade do vosso futuro».

«Por tudo isto», termina este segundo documento, «vos lançamos este apelo: ergam as vossas vozes pela paz em Moçambique. Ao mesmo tempo que prossegue a vossa justa luta exijam que o actual governo desmantele todo o aparelho que ainda alimenta o genocídio do povo moçambicano. Esperar mais tempo, aguardar pelo fim do «apartheid», é pôr em causa a estabilidade e o bem-estar das gerações vindouras».

Os dois documentos foram publicados na íntegra no jornal «Domingo» e no jornal sul-africano «The Sunday Star».

Neste último, os dois textos foram publicados em forma de anúncio, acompanhados por uma notícia da autoria da redacção. O jornal sul-africano «Sunday Times» também se referiu noticiosamente ao assunto, dando destaque à carta a de Klerk.

A agência noticiosa angolana, ANGOP, e outras agências africanas noticiaram a questão, citando os dois textos.

A imprensa portuguesa também noticiou os dois documentos.

Entre os signatários destacam-se o poeta José Craveirinha, a poetisa Noémia de Sousa, os pintores Malangatana e Chichorro, o Secretário-Geral da Associação dos Escritores Mocambicanos, Albino Magaia, os escritores Ungulani Ba ka Khosa e Mia Couto, e o escritor e cientista Orlando Mendes, falecido na sexta-feira. Um dos últimos actos públicos de Orlando Mendes foi precisamente o de assinar os dois documentos, estava ele no seu gabinete de trabalho, no Ministério da Saúde, um dia antes de falecer.

Devido à importância desta iniciativa, publicamos os dois documentos na íntegra, na página 3 da presente edição.